

*A PRÁTICA DA PIEDADE:*

# **MODÉSTIA NO VESTIR**



SOCIEDADE PELA  
**REFORMA**

A PRÁTICA DA PIEDADE:  
**MODÉSTIA NO VESTIR**

---

A palavra “Modéstia”, no idioma grego em que o Novo Testamento foi originalmente escrito, aparece na Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios 12:23 como *euschēmosýnē*, aquilo que é *apropriado, bem apresentável, honroso*. Tanto pelo contexto, quanto pela palavra, em grego *sōphrosýnē*, o que encontramos aqui nos auxilia no entendimento da Primeira Epístola de São Paulo a Timóteo 2:9, onde se diz “Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos”. Em Coríntios o Apóstolo Paulo afirma que existem partes do corpo que são mais “fracas”, “sem honra”, e que requerem um tratamento especial pelo qual o que era “*impróprio para ser apresentável*”, *aschēmosýnē*, se torna adequado. Este tratamento próprio para certas partes do corpo, não significa que o corpo seja em si desprezível, antes, que certas partes dele devem ser “*revestidas*” para que a honra do corpo, como um todo, seja mantida.

Em 1 Timóteo a palavra *sōphrosýnē* acrescenta algo ao entendimento do que é Modéstia. Este termo, em Timóteo, se refere a conduta apropriada, não simplesmente cultural, todavia, de forma ampla, racional, prudente, temperante, casta.

Assim, quando falamos sobre Modéstia no Vestir, nos

referimos tanto ao cobrir aquilo que é “*impróprio para ser apresentável*”, quanto em se vestir de forma prudente, racional, temperante, casta. Estas regras de vestimenta, não podem, portanto, ser determinadas pela moda ou pelos costumes, mas, segundo o uso da palavra na Escritura, pela inspiração do Espírito de Deus, devem se referir aos modelos universais e fixos, que Deus intentou em Sua Divina Sabedoria, e que a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo, pelos Mestres e Pastores que Ele nos deu, praticou e comprovou pela Escritura Sagrada somente.

Acerca desta modéstia no vestir, aprendemos do pastor e mestre João Calvino, Reformador do século XVI, nos comentários que faz dos seus estudos no versículo “E fez o SENHOR Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu” em Gênesis:

“Moisés aqui declara que o Senhor tomou para si o trabalho de fazer vestimentas de peles para Adão e sua esposa. Não é realmente próprio entender estas palavras como se Deus houvesse sido um costureiro ou um servo para coser roupas. Agora, não é crível que as peles tenham sido apresentadas a eles por acaso; mas, uma vez que os animais foram anteriormente destinados para seu devido uso, sendo agora impelidos por uma nova necessidade, eles mataram alguns, de modo que pudessem se cobrir com suas peles, tendo sido divinamente direcionados a adotar este conselho; daí Moisés diz ser Deus o Autor do ato. A razão por que o Senhor os vestiu com roupas de pele parece, para mim, ser a seguinte: porque vestimentas feitas deste material teriam uma aparência mais degradante do que aquelas feitas de linho ou de lã. Deus, portanto, designou que nossos primeiros

pais deveriam, em tal roupagem, ver a sua própria vileza, — da mesma forma como eles viram antes em sua nudez — e deveriam assim ser lembrados de seus pecados. Ao mesmo tempo, não deve ser negado, que Ele proporia para nós um exemplo, pelo qual Ele nos acostumaria a uma forma frugal e econômica de vestir. E eu gostaria que aquelas pessoas frágeis refletissem nisto, aquelas que não consideram suficientemente atrativo qualquer ornamento, exceto se ele exceder em magnificência. Não que todo tipo de ornamento deve ser expressamente condenado; mas porque quando esplendor e elegância imoderados são insistentemente buscados, não apenas é depreciado aquele Mestre, que intencionou o vestir como um sinal da vergonha, mas uma guerra é, em certo sentido, levada contra a natureza.”

No século XVII, nos estudos que Matthew Henry, o Puritano e grande comentarista da Escritura Sagrada, elaborou a partir do que recebera de seu pai, também pastor, ele diz a respeito de João Batista:

“Suas roupas eram simples. Este mesmo João tinha suas vestes de pelos de camelo, e um cinto de couro em torno de seus lombos; ele não usava roupas longas, como os escribas, ou roupas finas, como os cortesões, mas vestia-se como um lavrador da região...

João usava tais vestimentas,

1) Para mostrar que, como Jacó, ele era um homem simples, e mortificado para este mundo, e para os prazeres e alegrias deste.

Eis aqui um verdadeiro israelita! Aqueles que são humildes de coração deveriam mostrar isto por uma santa indiferença e negligência em adornar-se; por não fazer do uso de ornamentos o seu adorno, nem avaliar aos outros pela forma como se vestem e se enfeitam.

2) Mostrar que ele era um profeta, pois os profetas usavam vestimentas brutas, como homens mortificados [Zacarias 13:4]; e, especialmente, para mostrar que ele era o Elias prometido; pois nota-se particularmente sobre Elias, que ele era um homem peludo (o que, alguns pensam, relaciona-se com as vestimentas de pelo que vestia), e que possuía os lombos cingidos de um cinto de couro [2 Reis 1:8]. João Batista não aparenta ser inferior a ele em mortificação; este, portanto, era aquele Elias que havia de vir.

3) Para mostrar que ele era um homem resoluto; seu cinturão não era fino, como aqueles mais comumente em uso, mas era forte, um cinto de couro; e abençoado é aquele servo, a quem o Senhor, quando Ele vier, encontrar com os lombos cingidos [Lucas 12:35; 1 Pedro 1:13]”

Contemplando novamente da Escritura de 1Timóteo 2:8-10, especialmente o versículo 9, onde se lê:

“Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos”.

Nesta passagem, João Calvino entende que “expressamente estão censurados certos tipos de superfluidades, como os elaborados penteados de cabelo, o uso de joias, e de anéis de ouro...”. E observarmos o pastor Matthew Henry, sobre o mesmo texto dizer:

“As mulheres devem ser muito modestas em suas vestimentas, não usando roupas chamativas, festivas ou por demais alegres, ou muito caras (você pode conhecer a vaidade da mente de uma pessoa pelo quão festivos e chamativos são seus hábitos), porque elas têm melhores ornamentos com os quais devem se adornar; com boas obras. Note, boas obras são o melhor ornamento; estas são, à vista de Deus, de grande valor. Aqueles que professam a piedade deveriam, no seu vestir, assim como em outras coisas, agir como é coerente com o que professam; em lugar de gastarem seu dinheiro em roupas finas, devem gastá-lo em obras de piedade e caridade, as quais são propriamente chamadas boas obras.”

E por fim, o reformador João Calvino diz:

“Como o apóstolo ordenou os homens a erguerem mãos puras para oração, então agora ele prescreve a maneira pela qual as mulheres devem se preparar para orar como é devido. Aparece, neste texto, um implícito contraste entre estas virtudes que ele recomenda e a santificação externa dos Judeus; pois ele sugere que não há lugar profano, ou qualquer lugar de onde tanto homens quanto mulheres não possam se aproximar de Deus, desde que não estejam excluídos por seus próprios vícios.

Ele pretendeu aproveitar a oportunidade para corrigir um vício para o qual as mulheres quase sempre estão inclinadas, o qual provavelmente, em Éfeso, por ser uma cidade de vasta riqueza e muito comércio, abundava especialmente. Este vício é: uma excessiva ânsia e desejo de estar ricamente vestida. Ele deseja, portanto, que seu vestir seja regulado pela modéstia e sobriedade; porque a luxúria e o gastar sem moderação provêm de um desejo de fazer-se notar, seja por causa do orgulho ou por renunciar a

castidade. Consequentemente temos o dever de estabelecer as regras a partir da moderação; pois uma vez que o vestir-se é um assunto indiferente, (como todas as questões externas são) é difícil estabelecer um limite fixo, quanto a quão distantes devemos ir. Os Magistrados podem verdadeiramente fazer leis, pelas quais um desmedido impulso para gastos supérfluos possa ser, em alguma medida, restrito; mas mestres piedosos, para os quais o ofício é guiar as consciências, devem sempre ter em vista o fim do uso lícito. Isto, ao menos, se assentará além de toda controvérsia—que todas as coisas quanto ao vestir que não estão em acordo coma modéstia e a sobriedade devem ser desaprovadas.

No entanto, devemos sempre iniciar pelas disposições; porque onde a libertinagem reina internamente, não há castidade; e onde a ambição reina internamente, não haverá modéstia no vestir-se externamente. Mas, porque os hipócritas comumente aproveitam-se de todos os pretextos que podem encontrar para dissimular suas disposições, nós estamos sob a necessidade de apontar o que encontramos a vista. Seria uma grande baixeza negar que a modéstia é apropriada como a peculiar e o constante ornamento das mulheres virtuosas e castas, ou que é dever de todos guardar esta moderação. O que quer que for oposto a estas virtudes, será defendido em vão. Ele expressamente censura certas coisas supérfluas, como penteados elaborados, joias e anéis de ouro; não que o uso de ouro ou de joias seja expressamente proibido, mas que, onde quer que estas sejam proeminentemente exibidas, trarão com elas os outros males que eu mencionei, e terão sua origem na ambição ou na falta de castidade.

Porque, sem dúvida, o vestir-se de uma mulher virtuosa e piedosa deve diferir daquele de uma meretriz. O que ele fixou foram as marcas desta distinção; e se a piedade deve ser testificada pelas obras, tal profissão deve também ser visível nas castas e deve ser vestida.”

Muitos podem achar que é preciosismo, legalismo ou exagero se preocupar a respeito de como devemos nos vestir. Outros podem reclamar de que estarão “*fora de moda*” ou “*esquisitos*” demais, e que estamos tentando impor um modelo que copiamos de algum século passado. Em verdade, nossa única preocupação é a Escritura Sagrada, em ir até onde a Escritura vai, e não *retirar*, assim como não *acrescentar* nada. E a Escritura diz em 1 Pedro 4:4: “Eles acham estranho que não vos juntais a eles na mesma correria desenfreada de licenciosidade [ασωτία], e, por isso, vos caluniam.”, donde aprendemos a palavra ασωτία, isto é, *sem limites morais, sem barreiras de segurança e proteção*. O mundo pode viver sem limites, cada um *segundo o que acha que lhe é melhor fazer*, porém o Cristão, diferente do mundo, deve ter limites morais claros. Como nosso Senhor Jesus Cristo diz que, *se um homem põe os olhos sobre uma mulher para desejá-la, já cometeu com ela adultério*, é certo que, aquela que se expõe e atrai tais olhares voluntariamente comete um crime moral. E, certamente, para o homem que atrai os olhos das mulheres com sua impropriedade, tal também é verdadeiro. Lembre-se que a Escritura não está preocupada em fazer o Cristão ser parecido com todo mundo, mas exatamente o contrário: “E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:2).

Sejamos consistentes com a Escritura, vivamos segundo os *limites morais e de conduta* que a Palavra de Deus



exige. Não sejamos hipócritas em usar a Bíblia somente nas partes que nos oferecem alguma vantagem, antes, nos levantemos em oposição e enfrentemos o mundo, nos submetendo inteiramente ao que a Escritura ensina como Palavra de Deus. Se há algo que devemos temer é o não sermos encontrados agradando ao nosso Senhor, e não se não somos “bem vistos” pela sociedade ou pelas igrejas “moderninhas”.